



## Dretske e o problema dos *qualia*

### *Dretske and the problem of qualia*

João Antonio de Moraes<sup>[a]</sup>, Maria Eunice Quilici Gonzalez<sup>[b]</sup>

<sup>[a]</sup> Doutorando em Filosofia pelo Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP - Brasil, e-mail: moraesunesp@yahoo.com.br

<sup>[b]</sup> Doutora em Cognitive Science, Language and Linguistics (PhD) pela University of Essex, professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), Marília, SP - Brasil, e-mail: gonzalez@marilia.unesp.br

---

### Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir a sugestão de Fred Dretske (1995) para analisar o problema dos *qualia*. Tal problema, caro à Filosofia da Mente, ficou conhecido pela discussão desenvolvida por Thomas Nagel em seu clássico artigo *What is it like to be a bat*. Nesse artigo, Nagel (1974) postulou a impossibilidade de se conhecer, em perspectiva de terceira-pessoa, os aspectos da experiência humana. Ele considera que, mesmo após as descrições objetivas da experiência de um sujeito, escapariam ainda aspectos qualitativos, fundamentais para se caracterizar os *qualia*. A partir de sua *Tese Representacionista da mente*, Dretske argumenta que seria possível dissolver esse problema se admitirmos que a mente é a face representacional do cérebro, a natureza dos *qualia* seria, assim, representacional. Nesse contexto, os fatos mentais relacionados às

experiências seriam fatos representacionais: se conhecermos a natureza desses fatos representacionais conheceremos também a experiência do sistema que a representa. Diante de tal entendimento, discutimos em que medida a proposta dretskeana constitui (ou não) uma alternativa ao problema dos *qualia*.

**Palavras-chave:** Informação. *Qualia*. Experiência. Representação. Percepção ampliada.

### **Abstract**

*The aim of this paper is to present and discuss Fred Dretske's (1995) suggestion for analysis of the problem of qualia. Such a problem was acknowledged following Thomas Nagel's discussion in his classical paper "What is it like to be a bat". In the paper, Nagel (1974) postulates the impossibility of knowing aspects of human experience from a third-person perspective. He considers that qualitative aspects of a subject's experience, fundamental for characterization of qualia, would be lost during the course of objective descriptions of it. Based on his Representational Thesis of Mind, Dretske argues that if we were to consider mind to be the representational aspect of the brain, the nature of qualia would thus be representational. In this context, mental facts related to experiences would be representational facts: if we were to know the nature of these representational facts, we would also know the experience the system represents. Given this understanding, we discuss to what extent the Dretskean proposal constitutes (or not) an alternative for the problem of qualia.*

**Keywords:** Information. *Qualia*. Experience. Representation. Displaced perception.

---

"Since the manipulation and the use of representations is the primary job of the mind, a deeper understanding of the nature of representation and its naturalistic basis is, perforce, a deeper understanding of the mind."

Fred Dretske

### **Considerações preliminares acerca do problema dos *qualia***

Um dos primeiros filósofos da mente a tratar o que ficou denominado o *problema dos qualia* foi Thomas Nagel, que discutiu essa questão em seu artigo *What is it like to be a bat* (1974). Para esse filósofo (1974, p. 1),

assumir que os organismos possuem experiências subjetivas é assumir a existência de algo que é “ser como” um organismo; sendo esse algo a característica central de sua vida mental. Nagel (1974, p. 2, tradução nossa) entende que não é possível desenvolver uma análise fisicalista deste “ser como”, da qualidade subjetiva da experiência, pois “todo fenômeno subjetivo estaria essencialmente conectado com um ponto de vista singular, e parece inevitável que uma teoria física, objetiva, se distanciará desse ponto de vista”. Nesse contexto, o problema dos *qualia* consiste na dificuldade de se analisar de modo científico (em perspectiva externa ao organismo que tem a sensação; perspectiva de terceira-pessoa) a qualidade inerente às experiências de primeira-pessoa.

Uma das implicações do problema dos *qualia* é o de se saber “o-que-é-ser-como” (*what-it-is-like-to-be*) outro organismo. Por exemplo, como João poderia compreender o gosto de sal experienciado por Débora? Para isso seria preciso saber o-que-é-ser-como Débora experienciando o gosto do sal. Como estruturar uma explicação desta experiência subjetiva num âmbito que extrapola o ponto de vista particular do organismo? Esta é a questão que Nagel (1974) considera cientificamente insolúvel.

Para ilustrar sua posição, Nagel sugere a situação de se saber como é ser um morcego. No que concerne à habilidade de percepção do morcego, por sonar, o filósofo considera que, apesar de podermos desenvolver artefatos que reproduzam esse tipo de percepção (radar de navios, por exemplo), ela não seria similar à do morcego. Isso porque, segundo Nagel, a qualidade da experiência do morcego se perderia em seu estudo objetivo, o que nos levaria a crer que não é possível compreender, a partir de uma perspectiva objetiva, a subjetividade supostamente presente no morcego.

Como é comum nas discussões de questões filosóficas que envolvem grande complexidade, as abordagens desenvolvidas para lidar com o problema dos *qualia* não apresentam um consenso entre seus estudiosos. A dificuldade de se explicar as qualidades subjetivas da experiência a partir de uma perspectiva de terceira-pessoa constituiria um “abismo explanatório” (*explanatory gap*) que refletiria os limites da visão científica sobre o que existe entre os lados subjetivo e objetivo da experiência (LEVINE, 1983). Conforme destaca Tye (2007), filósofos

como Peacocke (1983) e Block (1990) compartilham da opinião de Nagel, defendendo que esse abismo seria intransponível. Contudo, filósofos como Chalmers (1995, 1996) e Dretske (1995) consideram que tal problema poderia ser analisado a partir de uma abordagem informacional, a qual poderia diminuir (ou eliminar) o abismo explanatório<sup>1</sup>.

Chalmers (1995, 1996) propõe um estudo de estruturas físico-informacionais da experiência enquanto elementos para a construção da ponte que ligaria os seus lados objetivo e subjetivo, assumindo que é por meio dela que o desempenho das suas funções (e de seus mecanismos) pode ser explicado. Para tentar explicitar o que ele intitula de *problema difícil da consciência*, o filósofo desenvolve, como fundamento de sua teoria, o *princípio do duplo aspecto da informação*. De acordo com esse princípio, a informação possuiria dois aspectos, um físico e outro fenomênico: o aspecto fenomênico emergiria do aspecto físico<sup>2</sup>. Esse pressuposto possibilitaria uma compreensão da natureza do aspecto fenomênico da experiência consciente, uma vez que, ao fundamentar o fenomênico no físico, poderíamos, por meio das teorias que explicam os aspectos físicos (objetivos) do mundo, explicar seus aspectos fenomênicos (subjetivos). De acordo com Chalmers, uma vez que processos físicos geram processos físicos, a experiência, se surgir a partir deles, se caracterizaria como um elemento físico; contudo, ela não precisa estar restrita aos processos físicos. Nesse sentido, a hipótese de trabalho de Chalmers é a de que a *natureza da consciência é essencialmente informacional*<sup>3</sup>.

No mesmo contexto, Dretske (1995) também admite que o estudo da informação pode indicar uma saída para o impasse do problema dos *qualia* conforme colocado por Nagel. Essa saída é pautada em sua *Tese Representacional da mente*, segundo a qual, a partir de uma

<sup>1</sup> A utilização do repertório conceitual da teoria da informação no tratamento de questões de cunho filosófico é decorrente da denominada “virada informacional na Filosofia”, ocorrida na segunda metade do século XX. Não trataremos, diretamente, dessa virada nesse artigo, mas tal análise pode ser obtida em Adams (2003) e Gonzalez, Broens e Moraes (2010).

<sup>2</sup> Segundo Abrantes (2004, p. 20), o dualismo chalmersiano não é um dualismo de substâncias, mas de propriedades, com a existência de leis físicas e psíquicas.

<sup>3</sup> Tendo em vista o caráter de ilustração de uma abordagem diferente do problema dos *qualia*, não aprofundaremos a análise da proposta de Chalmers para este problema. Para um melhor entendimento dessa proposta cf. CANAL, R.; MORAES, J. A. Chalmers e Searle nos estudos da consciência: algum avanço? *Ciências e Cognição*, v. 14, n. 2, p. 262-275, 2009.

abordagem informacional-representacionista, a mente seria a face representacional do cérebro. Logo, compreender no que consistem as representações geradas pela mente equivaleria a compreender os processos representacionais com o quais ela opera (DRETSKE, 1995, p. 14).

Na próxima seção, explicitamos alguns pressupostos da abordagem informacional-representacionista que fundamenta a teoria dretskeana dos *qualia*.

### **A abordagem informacional-representacionista dretskeana da mente**

A sugestão desenvolvida por Dretske para investigar o problema dos *qualia* é pautada em sua concepção informacional-representacionista. Essa posição é adotada para superar problemas que surgem das teorias dualista substancial e materialista redutiva.

Brevemente, os teóricos adeptos da perspectiva dualista de substância, que tem por representante principal Descartes, concebem a mente como uma substância distinta do corpo. A mente (substância pensante), segundo Descartes (1973, p. 86-87) é imaterial, inextensa, infinita, e não é regida por leis físicas. O corpo, por sua vez, é físico, finito, material, divisível e regido por leis físicas. Nesse contexto, Descartes atribui um estatuto especial à mente, classificando o corpo no domínio do mecânico. As principais dificuldades enfrentadas por essa perspectiva são explicar: como ocorreria a relação entre o corpo (material) e a mente (imaterial)? Como compreender a influência que a mente possui sobre o corpo e vice-versa?

Por outro lado, os adeptos da postura materialista reducionista — como Place (1956), que propõe a *teoria da identidade mente/cérebro* — também enfrentam dificuldades. Segundo essa teoria, a mente poderia ser explicada a partir do estudo do cérebro, estabelecendo-se uma identidade (ou correspondência) entre estados mentais e estados cerebrais. Uma dificuldade dessa vertente, conforme ressalta Teixeira (1994, p. 7), é a necessidade de existir um correspondente físico para cada correspondente mental, o que parece não ser o caso, dada a capacidade de expansão da mente em vista da limitação fisiológica do cérebro. Assim, por exemplo, para cada ideia de número natural existe

um correspondente neural, mas para  $|N| = \infty$  as conexões neurais são limitadas, ainda que muito extensas.

Em contraposição ao materialismo reducionista, teóricos desenvolveram uma abordagem que é denominada *Funcionalismo*. Essa vertente adota a analogia *hardware/software* para lidar com a relação mente/corpo: o *hardware* seria o equivalente ao cérebro, enquanto o *software* seria o equivalente à mente. Nesse sentido, os estados mentais, segundo Heil (2001, p. 119): “[...] parecem-se com os estados computacionais, pelo menos na medida em que são partilháveis, em princípio, por qualquer quantidade de sistemas materiais (e talvez imateriais)”. Uma vez que não importa o meio que *instancia* os estados mentais, eles poderiam ser reproduzidos num ou noutro dispositivo material, do mesmo modo que um programa pode rodar em computadores diferentes.

Apesar de não haver um único tipo de funcionalismo, a maioria dos seus adeptos compartilha o sentimento de superação da teoria da identidade. Heil (2001, p. 125) destaca que:

[...] tal como as operações de computação se realizam através de processos no *hardware* de um computador sem que sejam idênticas a esses processos, do mesmo modo estados mentais são realizados por estados cerebrais sem que sejam idênticos a estes últimos.

Seguindo, também, uma perspectiva funcionalista, Dretske (1995) propõe uma alternativa informacional-representacionista ao estudo da mente. Para o filósofo (1995, p. 14), entender a mente não requer um conhecimento detalhado e preciso de sua “maquinaria biológica”; bastaria compreender sua função para se compreender o que a mente faz. Dretske esclarece sua posição da seguinte maneira: do mesmo modo que o entendimento do que é uma câmera não requer conhecimento, em detalhes, das lentes, do modelo ou da velocidade do *flash*, mas uma compreensão das fotos e do que as câmeras fazem, assim seria com a mente.

O projeto naturalista-informacional da mente dretskeano se fundamenta em sua *Tese Representacional*, sustentada por dois pressupostos: “(1) todos os fatos mentais são fatos representacionais; (2) todos os fatos representacionais são fatos sobre funções informacionais” (DRETSKE, 1995, p. 13, tradução nossa). Dados esses pressupostos,

Dretske argumenta que os fatos mentais são fatos sobre *funções informacionais*. Nesse sentido, podemos entender que a postura dretskeana para naturalizar a mente consistiria num funcionalismo informacional (que não está limitado ao materialismo).

Tendo em vista a *Tese Representacional* desenvolvida por Dretske, não seria necessário recorrer à introspecção na explicação da mente, pois ela seria a face representacional do cérebro. Compartilhando a hipótese da analogia *hardware/software*, o filósofo entende que o cérebro é um instanciador de estados mentais. Para ilustrar seu entendimento, ele sugere que os estados mentais (crenças, intenções, propósitos, pensamento, experiências, entre outros) sejam entendidos como algum tipo de história. O filósofo sugere dois tipos de história: *história-veículo* (*story-vehicle*) — que consiste, por exemplo, nas palavras que estão nos livros e *história-conteúdo* (*story-content*) — que expressa o significado de palavras, a história que elas contam.

No entendimento de Dretske, o que está na cabeça são experiências-veículo; se olharmos para o cérebro de uma pessoa que está experienciando algo, não encontraremos ali o conteúdo da experiência. O que encontramos são atividades eletroquímicas da massa cinzenta, que constituem as experiências-veículo. Em outras palavras, o que encontramos é o mesmo tipo de situação encontrada quando olhamos as páginas de livros; temos nessas páginas apenas “veículos representacionais que de nenhum modo se assemelham às representações que representam” (DRETSKE, 1995, p. 36, tradução nossa).

Em síntese, o que algo representa não pode ser descoberto apenas observando a atividade cerebral, mas sim, nas histórias expressas pelas representações. A experiência-veículo está lá, mas a experiência-conteúdo não se reduz a ela; assim como nas histórias, é o conteúdo que faz da experiência o que ela é. Analogamente, o cérebro expressa a história-veículo enquanto que os fatos mentais estão imbricados na história-conteúdo. Dretske (1995, p. 14, tradução nossa) argumenta que:

Dado que a manipulação e uso das representações é o trabalho primário da mente, um entendimento aprofundado da natureza das

representações e de suas bases naturalista é, necessariamente, um entendimento aprofundado da mente.

Em outras palavras, *entender a natureza e a dinâmica das representações é entender a natureza da mente*. Dada a importância da compreensão das representações para a caracterização da mente na visão dretskeana, na próxima seção explicitamos a análise do filósofo acerca da natureza das representações mentais, que são classificadas como *sistêmica e adquirida*.

### **Um estudo da natureza das representações sistêmicas e adquiridas**

Para Dretske, em um sistema representacional, as representações têm a função de indicar ou fornecer informação sobre algo, num determinado domínio de objetos. A explicitação da natureza dos sistemas representacionais é inicialmente realizada a partir de suas funções, entendidas como aquilo para o que as representações foram feitas. Ele ressalta que há origens diferentes das funções de um sistema representacional; diferentes origens geram diferentes funções que, por sua vez, geram diferentes tipos de representação. Uma diferença importante é aquela entre a função obtida *naturalmente* e a que foi *convencionalmente* atribuída.

As funções convencionais são atribuídas a um sistema por um criador ou usuário externo (por exemplo, sensores, detectores, ou símbolos que indicam pesos, medidas etc.), das quais resultam as representações denominadas *adquiridas*. Há, também, as funções que não são resultantes da interferência de um usuário externo; estas são chamadas *naturais* e geram representações *sistêmicas* (DRETSKE, 1995, p. 7). Os órgãos sensoriais e mecanismos corpóreos seriam exemplos de sistemas que possuem funções naturais, os quais, em algum sentido, foram moldados evolutivamente para fazer seu trabalho sem a presença de um agente externo controlador. Os sentidos, assim, têm sua função, derivada de sua história evolucionária, de fornecer informações sobre o meio.

Para Dretske (1995, p. 8), estados mentais são instanciações de representações naturais, pois possuem uma Intencionalidade *original*



(natural), que não é *derivada* de algo imposto convencionalmente. A partir de tal distinção, Dretske (1995, p. 8, tradução nossa) entende que:

[...] as representações perceptuais nos sistemas biológicos — diferente daquelas presentes nos computadores, velocímetros, televisores — tornam os sistemas nos quais elas ocorrem *conscientes dos objetos* que elas representam.

Já os conteúdos dos estados mentais dependem do histórico dinâmico do meio em que o organismo está inserido e age de forma intencional.

Para esclarecer a diferença entre os tipos de representação sistêmica e adquirida, o filósofo (1995, p. 9) discute distinções entre *ver/ouvir* e *conhecer/acreditar*. Por exemplo, posso ouvir um oboé ou ver alguém tocando um oboé sem saber o que é um oboé. Posso experimentar o som de um oboé sem saber que estou experienciando um oboé, sem ter o entendimento ou o conceito do que é um oboé. Acreditar ou conhecer o que alguém está tocando como sendo um oboé requer o conceito de oboé. Nesse sentido, alguns sistemas podem experimentar o som do oboé, mas somente sistemas Intencionais, que lidam com crenças, desejos, intenções poderiam acreditar ou conhecer que um oboé está sendo tocado. Nesse contexto, Dretske argumenta que estados de experiências adquiridas por meio dos sentidos possuem propriedades representacionais sistêmicas, enquanto os conceituais, em geral, são aqueles que envolvem propriedades representacionais adquiridas por meio da linguagem. Conforme ressalta o filósofo (1995, p. 15), não podemos alterar nossas experiências sensoriais, mas podemos ajustar as crenças decorrentes dessas experiências; isto é, não podemos alterar o que vemos, mas podemos alterar as crenças em relação ao que vemos.

O filósofo considera que a impossibilidade de alterar nossas experiências e, conseqüentemente, nossas representações sistêmicas, decorre do fato de que nosso sistema sensorial incorpora uma herança evolutiva. Por outro lado, podemos alterar nossas crenças — representações adquiridas —, pois elas são geradas a partir de aprendizagem situada e incorporada em contextos específicos. Em outras palavras, para Dretske (1995, p. 19), as experiências estão fundadas nas representações

sistêmicas que servem para a construção de representações adquiridas. Estas, por sua vez, podem ser calibradas pela aprendizagem de acordo com as necessidades e desejos do organismo; elas são estados que armazenam informação em um sistema cognitivo para calibração e uso no controle e regulação de seu comportamento. Por exemplo, diz Dretske (1995, p. 20, tradução nossa): “começamos por ouvir (experiençar) sons e, por fim, ouvir e reconhecer palavras”; apesar de continuar ouvindo sons, as experiências (sistêmicas), após o aprendizado, adquirem dimensão representacional adquirida.

Em síntese, a hipótese fundamental de Dretske para lidar com o problema dos *qualia* é que a qualidade subjetiva da experiência diz respeito às representações sistêmicas das coisas presentes no mundo, constituindo a base das sensações. Na próxima seção, apresentaremos a sugestão de Dretske para analisar as experiências subjetivas de um ponto de vista objetivo e assim explicitar o *problema dos qualia*.

## Dretske e o problema dos *qualia*

Segundo Dretske, (1995, p. 65, tradução nossa), o entendimento de que a vida subjetiva de outro organismo é inacessível, como considera Nagel, decorre da falha “em entender o que estamos falando quando falamos de seus estados subjetivos”. Nesse sentido, a questão que guia a proposta de Dretske é: se um organismo *S* sente alguma coisa e esse sentimento é algo compartilhável por indivíduos da mesma espécie, porque seria impossível para nós, que também somos capazes de ter esses sentimentos, saber como *S* se sente?

No viés da Tese Representacional dretskeana, as qualidades subjetivas da experiência — os *qualia* — são identificadas com as propriedades que os objetos representados (sistemicamente — e, assim, compartilhados pelos membros de uma mesma espécie) possuem. Para o filósofo (1995, p. 72, tradução nossa):

Ao identificar os *qualia* com as propriedades experienciadas, as propriedades experienciadas com as propriedades representadas [sistemicamente], e

estas com aquelas propriedades dos sentidos que tem uma função natural de prover informação sobre algo, uma abordagem representacional da experiência torna os *qualia* objetivamente determináveis como são as funções biológicas dos órgãos corpóreos. Pode ser difícil descobrir qual a função [sistêmica, natural] de certos estados, mas não há algo essencialmente privado ou exclusivamente de primeira-pessoa sobre funções.

Desse modo, as propriedades que *S* representa sistemicamente seriam, em princípio, acessíveis aos outros organismos da mesma espécie, pois, apesar de cada um possuir seu acesso direto à informação sobre sua própria experiência, não haveria um acesso privilegiado a essa informação.

Para Dretske, não há um acesso privilegiado ao aspecto subjetivo da experiência de primeira-pessoa, pois este poderia ser obtido por meio da *percepção ampliada* (*displaced perception*). Por percepção ampliada podemos entender a estratégia para se chegar ao conhecimento dos *qualia* via o conhecimento do meio, das relações que o próprio organismo mantém com o meio, que constitui o material das representações internas. De acordo com Dretske (1995, p. 40, tradução nossa):

O que uma pessoa chegou a conhecer por introspecção são fatos sobre sua vida mental – logo (em uma teoria representacional) são fatos representacionais. Tais fatos são fatos sobre representações internas. Os objetos e eventos que alguém percebe para aprender esses fatos, porém, são raramente internos e nunca mentais. Alguém se torna senciência de fatos representacionais pela senciência de objetos físicos. [...] Numa teoria representacional da mente, a introspecção se torna uma instância de *percepção ampliada*, isto é, conhecimento dos fatos internos (mentais) via senciência dos objetos externos (físicos).

Em outras palavras, o organismo obtém conhecimento introspectivo por um processo de captação da informação sobre si mesmo ao perceber, não a si mesmo, mas o conjunto das relações informacionais do ambiente externo do qual participa. O que ocorre nesse tipo de conhecimento é uma metarrepresentação. Uma metarrepresentação é a representação de uma representação; no entanto, ela não é uma cópia da representação original à qual está relacionada, mas uma representação conceitual que possui poder indicativo de uma representação de segundo-grau (ou terceiro-grau, quarto-grau, ..., n-grau). Assim, por

exemplo, na situação em que um psicólogo analisa uma pessoa, o que há é uma relação de segundo-grau, constituída por metarrepresentações. A análise da mente desse psicólogo enquanto ele analisa o paciente consistiria em uma relação de terceiro-grau, constituída por uma meta-metarrepresentação, e assim por diante.

Uma vez que não há, segundo Dretske (1995, p. 56-57), um acesso privilegiado da experiência subjetiva, mas um conhecimento da experiência a partir da percepção ampliada, “se você souber onde olhar, você pode obter a mesma informação que eu tenho sobre o aspecto da minha experiência” (DRETKSE, 1995, p. 65, tradução nossa). Tal concepção é o que sustenta uma compreensão de mente em termos naturalistas: *a subjetividade torna-se parte da organização objetiva*.

Como indicado, os *qualia* são identificados por Dretske com as propriedades representadas sistemicamente (sensorialmente). Assim, trata-se de saber quais propriedades constituem as representações sistêmicas, e suas funções, que podem ser compartilhadas entre os organismos. A função de um conjunto de representações está relacionada ao desempenho correto do que foi instituído natural ou convencionalmente. Por exemplo, sabemos que uma campainha está desempenhando corretamente sua função quando ela toca e há alguém esperando na porta (ou havia e saiu correndo). Esta é a função da campainha, indicar que há alguém na porta, não quem está lá. De acordo com Dretske (1995, p. 78, tradução nossa):

[os *qualia*] são definíveis fisicamente desde que exista uma descrição, em termos físicos, das condições sob as quais os sistemas têm funções de carregar informação. Desde que tenhamos uma teoria naturalista de funções indicativas, teremos uma teoria naturalista da representação e, portanto, dos *qualia*.

Em síntese, até o presente, ressaltamos que Dretske considera possível uma abordagem representacional dos *qualia*, que propiciaria um viés objetivo do aspecto subjetivo da experiência. Tal possibilidade decorre da concepção de que os *qualia* são propriedades físico-informacionais da experiência representada sistemicamente, de modo que outros organismos, em princípio, também poderiam gerar essa representação. Com isso, o filósofo atribui à representação uma grande

importância na explicação do aspecto subjetivo da experiência. Nesse sentido, o problema de se explicar o aspecto subjetivo da experiência do ponto de vista objetivo, conforme entendido por Nagel, se dissolveria, segundo Dretske: uma vez que a representação pode ser definível em termos objetivos, a experiência também seria. O que importa é *como* se representa e *o que* está sendo representado; é uma experiência sistêmica de algo, que pode ser compartilhada.

Na investigação do “o-que-é-ser-como” outros organismos, o que precisaríamos é conhecer *como* e *o que* eles representam do mundo, como os fatos aparecem a eles. Para ilustrar sua análise do “o-que-é-ser-como” um organismo, Dretske (1995, p. 82) sugere a situação na qual Mary é uma especialista em fenômenos eletromagnéticos. Ela sabe que cações possuem a habilidade de detectar presas por meio da experiência de campos eletromagnéticos. Para compreender qual seria essa experiência ela se pergunta: o-que-é-ser-como um cação experienciando campos eletromagnéticos: Trata-se, então, de saber como campos eletromagnéticos aparecem ao cação, por meio dos quais ele detecta sua presa. Ou seja: que tipos de *qualia* são produzidos pelo sistema sensorial do cação que detecta alterações nos campos elétricos? Dretske entende que para compreender os *qualia* do cação precisaríamos descrever as configurações do campo elétrico, pois, assim, poderíamos compreender o modo como o campo elétrico aparece ao cação e, então, gerar a mesma representação. Ao descrever, representar e conhecer a geometria do campo elétrico, Mary, segundo Dretske (1995, p. 84): “descreve, representa e sabe o-que-é-ser-como um cação sentido este tipo de campo”.

No entanto, Dretske (1995, p. 87) ressalta que se um cação experienciar um campo elétrico específico, por exemplo P, e se for capaz de reconhecer ou pensar esse campo elétrico como sendo P, Mary, apesar da capacidade de *saber como* o cação experiencia um campo elétrico, não poderia saber que esse campo elétrico específico é denominado pelo cação como P. Em outras palavras, ao ser capaz de descrever as alterações que o cação capta do campo elétrico, Mary poderia saber o que um cação experiencia nessa situação, apesar de não poder saber se o cação é capaz de gerar crenças acerca do campo elétrico que está experienciando. Para Dretske (1995, p. 87-88, tradução e grifo nosso):

[...] você e eu sabemos que *minhas* chaves estão sobre a mesa, mas somente eu posso expressar o que ambos conhecemos da expressão: ‘minhas chaves estão sobre a mesa’. Você tem que usar palavras diferentes para se referir ao que você sabe sobre o que está sobre a mesa [...] ‘suas chaves estão sobre a mesa’. O fato de não podermos nos referir ao que nós sabemos estar sobre a mesa do mesmo modo não significa que exista alguma coisa diferente sobre o que sabemos.

Assim, apesar de Mary não poder experimentar o campo elétrico concebido pelo caçã como sendo *P*, isso não implica que ela não possa saber o que o caçã experiencia naquele momento através da sua representação sistêmica.

Enfim, visto o que expusemos até o momento, a questão que se coloca é: podemos realmente compreender como é ser outro organismo (Débora, morcego, caçã)? Estaria Dretske certo ao afirmar que: “se um sistema de sonar do morcego representa uma mariposa como estando *ali*, e eu entendo onde (e o que) é ali [...] eu realmente entendo o-que-é-ser-cómo um morcego?” (DRETSKE, 1995, p. 93, tradução nossa). O próprio filósofo ressalta que não é assim tão simples, pois há uma diferença entre saber *como é ter* uma sensação de *F* que *S* possui e saber *o que é ser S*. Ou seja, compreender o aspecto subjetivo da experiência de um campo elétrico por um caçã é diferente de saber o que é ser um caçã (em sua totalidade).

## Considerações finais

No que concerne à sugestão dretskeana para o problema dos *qualia*, analisamos sua abordagem objetiva da experiência de um sistema representacional. Como vimos, Dretske (1995) considera possível tal análise, pois argumenta que o aspecto subjetivo da experiência pode ser definido informacionalmente mediante representações sistemicamente compartilhadas. O conhecimento das representações não ocorreria a partir de um olhar interno, mas por meio da percepção ampliada; o conhecimento da própria vida mental é obtido mediante o conhecimento da natureza das estruturas representacionais, que estão no mundo (são externas). Sendo

assim, o objeto de interesse no estudo dos *qualia* não seria apenas o sistema que tem a experiência, mas o objeto e o conjunto de relações que ele experiencia. Segundo a abordagem dretskeana do problema dos *qualia*, aspectos objetivos da experiência compartilhados evolutivamente via representações sistêmicas constituem o núcleo duro identificadores dos *qualia*.

Porém, qual seria o alcance de sua abordagem representacional externalista? Entendemos que explicar o conhecimento dos *qualia* de um organismo a partir do conhecimento das representações *sistêmicas* constitui uma análise fragmentada do problema dos *qualia*. Isso porque o ato de experienciar um objeto, fenômeno ou evento presente no ambiente parece extrapolar o “mero” representar, em uma dimensão específica. Nesse sentido, os *qualia* não expressariam informação decorrente de uma única parte isolada do indivíduo, mas envolveriam múltiplas dimensões da sua existência. A análise dos *qualia* de um organismo ao experienciar uma rosa, por exemplo, envolveria mais do que apenas o conhecimento das capacidades sensoriais (e no entendimento de Dretske, representacionais) do organismo de sentir a rosa, incluindo o conhecimento sobre o contexto em que ele vive, a dinâmica dos indivíduos e disposições do meio, seus contatos anteriores com rosas, entre outros fatores. Em outras palavras, o ato de experienciar uma rosa é um fenômeno complexo, cuja compreensão requer uma *perspectiva dos sistemas complexos*.

Gonzalez e Moraes (no prelo) ressaltam que dentre as propriedades que caracterizam a perspectiva dos sistemas complexos, destaca-se o *método* de investigação interdisciplinar que possibilita a investigação de várias dimensões informacionais no estudo de eventos, situações ou objetos. Entendemos que tal método auxiliaria na compreensão do problema dos *qualia*, em especial na busca de padrões informacionais comuns que unifiquem organismos, situações, eventos e objetos sem restringir a especificidade dos mesmos. Assim, sob o viés da perspectiva dos sistemas complexos, os *qualia* podem ser analisados como uma propriedade decorrente de sua identidade, constituída por sua interação com o meio, sua história, sua cultura, entre outros.

Consideremos o seguinte exemplo para ilustrar como se situa a análise do aspecto subjetivo da experiência a partir da perspectiva dos

sistemas complexos. João e Paulo são irmãos gêmeos. Eles foram criados na mesma casa, convivendo com os mesmos amigos e parentes da família, estudando na mesma escola. Apesar desses fatores, parece contraintuitivo afirmar que ambos possuem o mesmo *qualia* do cheiro de uma rosa. Mesmo possuindo genes iguais, estruturas representacionais compartilhadas e habilidades perceptivas semelhantes, João e Paulo dificilmente experienciarão o *mesmo* o cheiro da rosa. Não é nosso propósito desenvolver a abordagem sistêmica do problema dos *qualia*, mas apenas sugerir uma alternativa a possíveis dificuldades encontradas na proposta dretskeana.

Embora consideremos que a sugestão dretskeana possui limites na análise do problema dos *qualia*, sua proposta fornece novos caminhos para a compreensão desse problema. Entendemos que a inserção do conceito de informação para a realização dessa tarefa propicia um grande passo para redução da lacuna explanatória do problema dos *qualia*, porém, ainda resta muito a ser feito. A proposta de Dretske auxilia o início da construção da ponte que uniria o “abismo explanatório” do problema dos *qualia*, mas ela permanece inacabada.

## Referências

- ABRANTES, P. Naturalismo em filosofia da mente. In: FERREIRA, A.; GONZALEZ, M. E. Q.; COELHO, J. G. (Org.). **Encontro com as ciências cognitivas**. Marília: Ed. da Unesp, 2004. p. 5-37. v. 4.
- ADAMS, F. The informational turn in philosophy. **Minds and machines**. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 471-501. v.13.
- BLOCK, N. Inverted earth. **Philosophical Perspectives**, v. 4, p. 53-79, 1990. doi:10.2307/2214187.
- CANAL, R.; MORAES, J. A. Chalmers e Searle nos estudos da consciência: algum avanço? **Ciências e Cognição**, v. 14, n. 2, p. 262-275, 2009.



CHALMERS, D. J. Facing up to the problem of consciousness. **Journal of Consciousness Studies**, n. 2, p. 200-219, 1995.

CHALMERS, D. J. **The conscious mind**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

DENNETT, D. **Kinds of minds**. Basic books: New York, 1996.

DESCARTES, R. Discurso do método. In: DESCARTES, R. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1973. p. 39-103.

DRETSKE, F. **Knowledge and the flow of information**. Oxford: Blackwell Publisher, 1981.

DRETSKE, F. **Naturalizing the mind**. Cambridge: MIT Press, 1995.

GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; MORAES, J. A. A virada informacional na Filosofia: alguma novidade no estudo da mente? **Revista de Filosofia Aurora**, v. 22, n. 30, p. 137-151, jan./jun, 2010.

GONZALEZ, M. E. Q.; MORAES, J. A. **Complexidade e privacidade informacional: um estudo na perspectiva sistêmica**. In: GONZALEZ, M. E. Q.; PELLEGRINI, A. M.; ANDRADE, R. C. S. (Org). **Auto-organização: estudos interdisciplinares**. Campinas: Ed. da Unicamp. Coleção CLE. (No prelo).

HEIL, J. **Filosofia da mente? uma introdução contemporânea**. Lisboa: Inst. Piaget, 2001.

LEVINE, J. Materialism and Qualia: the explanatory gap. **Pacific Philosophical Quarterly**, v. 64, p. 354-361, 1983.

NAGEL, T. **What is it like to be a bat**. 1974. Disponível em: <<http://rintintin.colorado.edu/~vancecd/phil1000/Nagel.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

PEACOCKE, C. **Sense and content**. Oxford: Oxford University Press, 1983.

PLACE, U. T. **Is consciousness a brain process?**. 1956. Disponível em: <<http://www-csli.stanford.edu/~paulsko/papers/PlaceCBP.pdf>>. Acesso em: 4 abr 2011.

SEARLE, J. **Intentionality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

TEIXEIRA, J. F. **O que é filosofia da mente**. 1994. Disponível em: <[http://www.filosofiadamente.org/images/stories/pdf/o\\_que\\_e\\_filosofia\\_da\\_mente.pdf](http://www.filosofiadamente.org/images/stories/pdf/o_que_e_filosofia_da_mente.pdf)>. Acesso em: 4 abr. 2011.

TYE, M. Qualia. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2007. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/qualia/>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

Recebido: 30/05/2012

*Received:* 05/30/21012

Aprovado: 29/11/2012

*Approved:* 11/29/2012